

O Ocaso – Como as Reduções do seu esplendor se transformaram em Ruínas

Para quem visita os sítios arqueológicos das missões jesuítico-guarani nos dias atuais, que muitos chamam de “ruínas” fica sempre a pergunta do que teria acontecido com esse lugar se não tivesse acontecido os ataques ibéricos que deu início a decadência desse lugar.

A história da Redução de São Lourenço depois do conflito da Guerra Guaranítica ainda teve vários capítulos contudo há poucos registros documentados sobre esse período onde a posse do local oscilou várias vezes entre os espanhóis e os portugueses até que permaneceu com os estes últimos após os acordos que resultaram na independência do Uruguai em 1828.

A sequência de combates descritos a seguir no território das missões explica como este lugar se tornou “ruínas” pelo esgotamento do seu sistema produtivo e pela morte e migração do seu povo envolvido nos conflitos territoriais.

O primeiro ataque – A Guerra Guaranítica¹

¹ Wikipidea

A **Guerra Guaranítica** (1753-1756) ou **Campanha da Demarcação** foi o conflito armado envolvendo as tribos Guarani das [missões jesuíticas](#) contra as tropas espanholas e portuguesas, como consequência do [Tratado de Madrid](#) (1750) que definiu uma linha de demarcação entre o território colonial espanhol e português na América do Sul.

O limite estabelecido entre as duas nações era demarcada pelo rio Uruguai, com Portugal possuindo o território a leste do rio e a Espanha a oeste. Isso fez com que as sete missões jesuítas a leste do rio Uruguai, conhecidas como [Missões Orientais](#), deveriam ser desmanteladas e deslocadas para o lado oeste espanhol do rio. **(ver mapa abaixo com a linha da demarcação)** Em 1754, os jesuítas entregaram o controle das missões, entretanto os guaranis, liderados por [Sepé Tiaraju](#), recusaram-se a cumprir a ordem de mudança. A princípio os esforços feitos pelo exército espanhol para remover vigorosamente os guarani das missões falharam, estendendo o conflito na região da [La Plata](#). Em 10 de fevereiro de 1756, uma força combinada de 3 000 soldados espanhóis e portugueses lutaram contra os guaranis na [Batalha de Caiboaté](#).

Causas dos conflitos

As missões jesuítas guaraníticas eram um conjunto de trinta cidades missionárias fundadas no século XVII pela ordem religiosa católica da [Companhia de Jesus](#), entre os aborígenes guaranis e povos relacionados, cujo propósito era sua [evangelização](#). Geograficamente, quinze dessas missões se localizavam nas províncias atuais de Misiones e Corrientes, na Argentina; oito delas na atual região do Paraguai e as sete restantes, chamadas Missões Orientais, localizadas no sudoeste do Brasil. Todas estas regiões localizadas na jurisdição chamada Província Paraguaria localizada no Virreinato do Peru e regiões abrangentes do atual Paraguai, Argentina, Uruguai e partes da Bolívia, Brasil e Chile.

Com o coroamento de [Fernando VI](#) (1746-1759), na Espanha, tendo como rainha Bárbara de Bragança (1711-1758), filha de João V (1689-1750), de Portugal; o novo rei espanhol herdou o beligerante problema de fronteiras entre os dois domínios, causa de constantes guerras, arregimentação de tropas e da população. Fernando VI escolheu uma política conciliadora, optando pela neutralidade frente às tensões entre a França e a Inglaterra, e estabelecendo um momento de reconstrução do seu poder econômico e militar no mundo.^[1] Consequentemente a aproximação com Portugal se tornou mais efetiva e crucial para o Tratado de Madrid no ano de

1750. Fernando VI foi coroado em 10 de junho de 1746. Em 12 de novembro já ocorriam as primeiras negociações para um tratado de limites abrangente.

Desde 1680, Portugal havia implantado o enclave da [Colônia do Sacramento](#) na sua banda oriental (atual Colônia, no Uruguai), em uma operação de interesse geopolítico para expandir suas fronteiras, mas que se revelara economicamente substancioso pelo contrabando da prata, do couro, do chifre, do sebo e da erva-mate. Três guerras importantes já haviam sido travadas pelo reduto, perdidas por Portugal, mas recuperado na esfera diplomática. Quando não estava em guerra ou ocupada, a Colônia do Sacramento encontrava-se bloqueada permanentemente pela esquadra naval e tropas de terra da Espanha. Este conflito gerou um impasse nas missões jesuíticas da bacia do alto Uruguai. Quando as negociações vislumbraram a permuta da Colônia do Sacramento pelos Sete Povos, o marquês de la Ensenada e o jesuíta Francisco de Rávago manifestaram-se contra.

Desde o início das conversações, dois problemas de “usurpação” de territórios afloraram. A Espanha indicava a exagerada progressão lusitana sobre o sul, com a anexação do Rio Grande de São Pedro e parte da banda oriental do Uruguai, além da famigerada Colônia do Sacramento. Portugal, por sua vez, indicava a posse espanhola ilegítima das Filipinas. Depois de diversas conferências, os dois reinos adotaram o princípio do Uti possidetis para as questões dos domínios ultramarinos, associado aos marcos notáveis das divisões naturais “dos montes ou rios grandes”. O critério possibilitou que Portugal ficasse com o domínio da Amazônia e a Espanha com o do [Rio da Prata](#), combinado com algumas concessões mútuas de territórios adjacentes.

No entanto, a cessão das missões jesuítas aos portugueses foi um preço elevado para os líderes políticos espanhóis. Desde a sua criação, os jesuítas foram capazes de criar uma barreira real para a penetração portuguesa no [Rio de la Plata](#) e no Paraguai, formando, de fato, as únicas populações permanentes em uma fronteira irresoluta e tradicionalmente despovoada, um fato que facilitou o avanço lusitano sobre ela. Além disso, os jesuítas tinham conseguido com persuasão a pacificação hierárquica das tribos indígenas naquela região e sua conversão em trabalhadores disciplinados e convertidos ao cristianismo. Este valor agregado que os missionários indígenas tinham (sua integração social e a produtividade de que eram capazes) tornava-os objeto da ganância dos bandeirantes, expedições de caça de índios que, a partir de cidades como São Paulo, no Brasil Português, buscavam para proporcionar escravos mais baratos do que os negros africanos aos latifundiários portugueses para as suas explorações agrícolas. Ao longo do século XVII e na primeira metade do século seguinte, as bandeiras e os missionários indígenas, liderados pelos jesuítas, entraram em confronto em confrontos sangrentos, geralmente favoráveis ao último, como, por exemplo, a [batalha de Mbororé](#) (sobre um afluente do curso superior do rio Uruguai), em 1641.

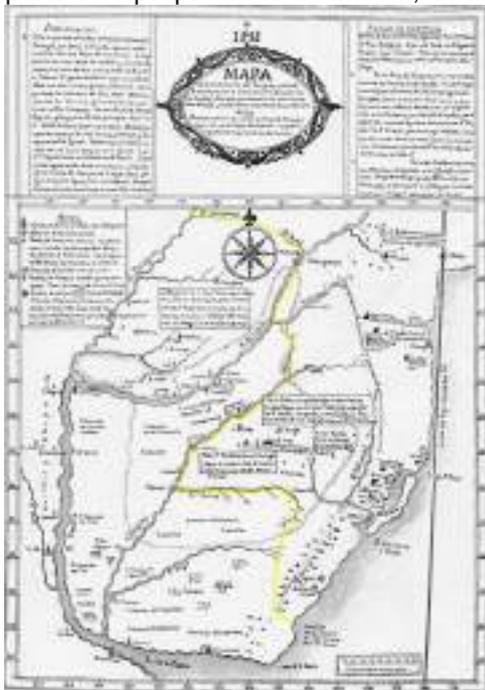
Por fim, a coroa espanhola preferiu entregar esses domínios em troca da Colônia e o novo Tratado foi assinado em Madri a 13 de janeiro de 1750, tendo como signatários José de Carvalho e o visconde de Vila Nova de Cerveira ([Luis Silva Teles](#)). Deixavam de valer o [Tratado de Tordesilhas](#) (1494) e a Escritura de Saragoça (1529).

Tratado de Madrid

Das povoações ou aldeias, que cede S. M. C. na margem oriental do rio Uruguai, sairão os missionários com todos os móveis e efeitos levando consigo os índios para os aldear em outras terras de Espanha; e os referidos índios poderão levar também todos os seus bens móveis e semoventes, e as armas, pólvoras e munições, que tiverem em cuja forma se entregarão as povoações à Coroa de Portugal com todas as suas casas, igrejas e edifícios, e a propriedade e posse do terreno. As que se cedem por Sua Majestade Fidelíssima e Católica nas margens dos rios Pequiri, Guaporé e das Amazonas, se entregarão com as mesmas circunstâncias que a Colônia do Sacramento, conforme se disse no artigo XIV; e os índios de uma e outra parte terão a mesma liberdade para se irem ou ficarem, do mesmo modo, e com as mesmas qualidades, que o não de poder fazer os moradores daquela praça; exceto que os que se forem perderão a propriedade dos bens de raiz, se os tiverem.

Artigo XIV: Sua Majestade Católica, em seu nome e herdeiros, cede à Coroa de Portugal para sempre tudo o que é ocupado pela Espanha, ou que por qualquer título ou direito possa pertencer a ele, em qualquer parte da terra que por Estes artigos são declarados pertencentes a Portugal; desde o monte dos Grandes Castelos e sua orla sul e costa do mar até a nascente e a principal origem do rio Ibicuí. E também produz todas e quaisquer cidades e estabelecimentos que foram feitos, pela Espanha, no ângulo de terra entre a margem norte do rio Ibicuí e o lado leste do Uruguai, e aqueles que podem ter sido fundados na margem leste do país. Rio Pepirí e a cidade de Santa Rosa, e quaisquer outros que possam ter sido estabelecidos, pela Espanha [...]

Artigo XVI: Das cidades ou vilas que Sua Majestade Católica produz na margem oriental do rio Uruguai, os missionários partirão com os móveis e os efeitos, levando consigo os índios para povoá-los em outras terras da Espanha; e os índios acima mencionados também podem carregar todos os seus móveis, bens e semi-bens, e as armas, pólvora e munição que eles têm; de que forma as aldeias serão entregues à Coroa de Portugal, com todas as suas casas, igrejas e edifícios, e a propriedade e posse da terra. Os que forem transferidos por ambas as Majestades, Católica e Fidelíssima, nas margens dos rios Pequirí, Guaporé e Marañón, serão entregues nas mesmas circunstâncias que Colonia del Sacramento, conforme disposto no Artigo XIV; e os índios de ambos os lados terão a mesma liberdade de sair ou ficar, da mesma maneira e com as mesmas qualidades que os habitantes daquele lugar podem fazer; Somente quem sair perderá a propriedade do imóvel, se o fizer.



[P. José Cardiel] Mapa/de la gobernación del Paraguay, y de la de Buenos ayres, con la linea divisoria de las tierras /de España y Portugal, ajustada entre las dos Coronas/ año de 1750; cuya posesión se pretende tomar este año de 1752

Assim que o conteúdo do Tratado de Madri foi divulgado, nos dois reinos manifestaram-se contundente oposição. Em Portugal: [Antônio Pedro de Vasconcelos](#), ex-governador da Colônia do Sacramento; [Alexandre de Gusmão](#), ex secretário do João V, que trabalhara no mapa geral; [frei Gaspar da Encarnação](#), irmão do duque de Aveiros; Gomes Freire de Andrade, governador do Rio de Janeiro e Minas Gerais, com jurisdição no sul do Brasil; [Sebastião José de Carvalho e Melo](#), futuro marquês de Pombal; mercadores e contrabandistas. Em especial, unia-lhes a posição contra a troca da Colônia do Sacramento pelas terras e cidades missioneiras (oriente do rio Uruguai e norte do rio Ibicuí), com a exclusividade castelhana sobre o Rio da Prata Na Espanha, os partidários de Carlos IV de Nápoles e Sicília, que viria a assumir o reino

Os dois comissários principais, Gomes Freire de Andrade e marquês de Valdelírios, com os comissários das três partidas encarregadas das demarcações de limites do sul, se reuniram em 1752 na costa atlântica, para começarem os trabalhos. No entanto, quando em fevereiro de 1753, a Primeira Partida Demarcadora chegou a Santa Tecla (Bagé, RS), estância do povo de São Miguel, foi impedida de prosseguir. Seus comissários principais eram o coronel Francisco Antônio Cardoso (Portugal) e Juan de Echavarria (Espanha). Com a oposição indígena, retiraram-se para a Colônia do Sacramento e Buenos Aires. Ali foram recebidos pelos comissários principais. Consequentemente, não conseguiram realizar os levantamentos além das cabeceiras do rio Negro. As demarcações pelos rios Ibicuí e Uruguai seriam concluídas somente em 1759, depois da Guerra Guaranítica.

Um ano após a publicação do tratado, em 17 de janeiro de 1751, firmou-se um Convênio Secreto Adicional. Por ele, os reis de Espanha e Portugal se comprometiam, em caso de uma resistência dos “índios e habitantes”, a realizar a transmigração das aldeias e territórios missioneiros, sob a força das armas. Esse Convênio Adicional era constituído de quatro artigos separados, nos quais, para garantir a possessão das terras permutadas de forma pacífica e perpétua, ambos os monarcas se comprometiam a obter a desocupação dos territórios, por força das armas, caso não houvesse obediência imediata a essa medida.

Se por um lado Tratado de Madri foi elaborado para acabar com os desentendimentos entre Espanha e Portugal, no que se refere às respectivas possessões na América, como forma de amenizar ou resolver os conflitos até então latentes entre as Coroas Ibéricas; ao mesmo tempo em que tentava impor a paz, o acordo estabelecia a retirada dos povos Guaraní do território compreendido pelos Sete Povos, criando assim, um conflito em potencial. Em especial, o ponto chave desse conflito foi a troca da Colônia do Sacramento e dos Sete Povos, entre Espanha e Portugal, respectivamente, configurou-se numa questão delicada que poderia trazer consequências graves para o Prata, marcando o fim da experiência dos povos jesuítico-guaranis, e para a Europa, com a expulsão dos jesuítas e a extinção da Companhia de Jesus.

As autoridades ibéricas deram aos índios guaranis o prazo de um ano, para efetuar a entrega aos portugueses, o transporte de seus bens, a transferência de cerca de trinta mil pessoas. Em meio a isso, os índios dos Sete Povos resistiram as exigências do tratado enquanto os jesuítas tinham a obrigação moral de tentar persuadir os índios a obedecerem as designações do rei, uma vez que a obediência que os jesuítas deviam ao rei através do Real Patronato.

Para cumprir as designações do tratado, por ordem do rei de Espanha, veio para a América o padre Luiz Altamirano, comissário eclesiástico, encarregado de supervisionar o cumprimento das estipulações do tratado, designado pelo Real Patronato. Em carta ao Superior das Missões do Uruguai, Padre Strobel, de 22 de setembro de 1752, Altamirano impõe aos padres algumas determinações. Em nome do rei e do Padre Geral e sob pena mortal, em virtude da Santa Obediência, que os jesuítas não impeçam, nem resistam direta ou indiretamente, por palavras ou por escrito, à mudança dos índios. A data em que deveria ser processada a transmigração foi estipulada: 3 de novembro de 1752. Devido a inúmeras dificuldades comuns à mudança dessa monta não houve o tempo necessário para executá-la dentro do prazo estipulado. Resolvidos então a não atender as ordens do Padre Altamirano, alguns jesuítas prenderam-se a subterfúgios, com a finalidade de retardar o máximo possível o deslocamento, na esperança de que com a demora, fosse abandonada essa ideia. Apesar de todas as tentativas de Altamirano para que se efetivasse uma mudança em geral pacífica, todas as investidas foram inúteis. Os Sete Povos não estavam dispostos e não se intimidaram com as sucessivas formas de pressão a que foram submetidos. Desta maneira os espanhóis foram considerados obrigados a cumprir as disposições do tratado com a coroa portuguesa que deu origem a Guerra Guaranítica (início de 1754).

A guerra

No início de 1754, o marquês de Valdelirios chegou a Buenos Aires da Espanha carregando um certificado real pelo qual o rei ordenou ao governador de Buenos Aires, José de Andonaegui, que imediatamente levassem à força as sete cidades e as entregassem aos portugueses. Na execução do primeiro plano de guerra, os exércitos ibéricos atuaram separadamente. Os lusobrasileiros atacariam Santo Ângelo, pelo norte; os castelhanos, São Francisco de Borja, pelo sul. Realizariam movimentos de convergência, empurrando os indígenas para a margem ocidental do rio Uruguai.



Comandante Portugues – Gomes Freire de Andrade

Em uma reunião realizada na [Ilha Martin Garcia](#) entre Valdelirios, Gomes Freire e Andonaegui, foi decidido que além do corpo veterano, as milícias de Montevideú, Santa Fé e Corrientes seriam convocadas. Em maio de 1754, Andonaegui concentrou 1 500 soldados em Rincón de las Gallinas (hoje Rincon de Haedo na confluência do rio Negro com o Uruguai) e avançou para a fazenda Yapeyú, onde chegou em junho. No entanto, o mau tempo impediu a campanha e de modo que seus soldados foram derrotados pelos guaranis sob o comando de Rafael Paracatú, cacique de Yapeyú. Com isso Andonaegui desistiu de continuar a campanha e retirou-se do rio Ibicuy para o Salto Chico do rio Uruguai em 10 de agosto, embora tenha conseguido capturar Paracatu e levá-lo para Buenos Aires.

As forças portuguesas sofreram os mesmos problemas climáticos e sendo atacados pelos guaranis sob o comando do capitão José Sepé Tiarayú. O ataque aconteceu no forte Jesus, María, José de Río Pardo, onde Tiarayú foi derrotado e capturado entre março e abril de 1754, embora ele tenha conseguido escapar. Os portugueses também tiveram que abandonar a campanha após um armistício realizado em novembro de 1754 no rio Yacuí, onde os guaranis obtiveram a ajuda das tribos Charruas, Guenoas e Minuanes. Esse mesmo forte receberia Gomes Freire no dia 14 de agosto e partindo no dia 25 do mesmo mês, no entanto, enquanto se afastava da fortaleza, percebeu que um incêndio começara e precisou retornar para socorrer a guarnição. O forte fora parcialmente destruído pelo fogo e Gomes Freire partiu com suas tropas no dia 26.

As forças espanholas, comandadas pelo governador de Buenos Aires, José de Andonaegui e o governador de Montevidéu, José Joaquín de Viana, e os portugueses, liderados pelo governador de São Paulo e Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, decidiram lutar juntos contra os indígenas em dezembro de 1755, com o objetivo de capturar o chefe superior da resistência guarani, cacique [Sepé Tiaraju](#), cujo nome de batismo era José Sepé Tiarayú. Em fevereiro de 1756, forças de Andonaegui, reforçadas por 150 soldados da Espanha, juntamente com 1 670 homens do governador de Montevidéu, 1 200 soldados portugueses sob o comando de Gomes Freire, se encontraram em Santa Tecla para avançar em São Miguel. Entretanto os guaranis evitaram lutar e limitaram-se a uma guerra de guerrilha. Sepé Tiaraju acabou sendo morto pelo governador Viana na Serra de Batoví, em uma das reuniões dos guerrilheiros guaranis com as tropas aliada. Com isso Nicolás Ñanguirú (uma palavra que em guarani significa "flecha do diabo"), antigo corregedor da cidade de Concepción, assumiu o comando dos guerrilheiros guaranis.

Em 10 de fevereiro de 1756, na colina de Caibaté, o exército aliado, com cerca de 2 500 homens, cercou Ñanguirú e seus homens e os exterminou. No campo de batalha, 1 511 guarani foram mortos, entre eles o líder Ñanguirú e 154 prisioneiros, algumas centenas conseguiram fugir. O exército aliado sofreu apenas 4 mortos (3 espanhóis e um português) e 30 feridos (10 espanhóis, entre eles Andonaegui e 20 portugueses, incluindo o capitão Luis Osorio). No dia seguinte, eles entraram em São Miguel e exigiram a rendição das outras cidades, que aceita, exceto em São Lourenço.

Após este conflito, as missões jesuítas acabaram e a resistência guarani foi praticamente cessada. Entretanto alguns pequenos grupos guaranis que resistiram a rendição a praticar as táticas da terra queimada, queimando as cidades de São Miguel e São Luiz Gonzaga. Santo Ângelo foi convertido em um quartel para as tropas espanholas e São João Batista para as tropas portuguesas. Finalmente, em maio de 1756, a última luta ocorreu em São Miguel acabando em definitivo a Guerra Guaranítica.

Em 8 de junho, Andonaegui encerrou a guerra e supervisionou a evacuação dos índios para o oeste do rio Uruguai, o exército aliado permaneceu por dez meses nas Missões, os portugueses recuando para o Rio Pardo sem poder concordar com o limite na nascentes do rio Ibicuy e sem entregar a Colonia de Sacramento à Espanha em 12 de dezembro de 1757.

Por ocasião da Guerra de Demarcação, a redução de São Lourenço foi surpreendida por um exército sob o comando de um oficial chamado Viana, tendo feito prisioneiro o Cura Padre Thadeu Hennis.

Ano	Fato
1759	Expulsão dos Jesuítas de Portugal
1767	Expulsão dos Jesuítas da Espanha
1773	Extinção da Companhia de Jesus (Jesuítas)

Em 1768 durante a ocupação pelas tropas ibéricas que conquistaram as Missões, e já sem a presença dos Jesuítas, foi realizado um inventário dos bens e riquezas que haviam nas reduções cujo documento conhecido como Inventário “Francisco Brabo”. Este documento ilustra o nível de sofisticação dos ornamentos da igreja, estoque de alimentos, livros, ferramentas entre outros detalhes.

INVENTARIO DEL PUEBLO DE SAN LORENZO.

Casa de iglesia y sacristía.	Item, doce ciriales con sus raudales.
Primamente, una custodia de plata sobredorada.	Item, hasta aquí todo lo dicho es de plata.
Item, un copón con sus dos casquillos, todo de plata.	Item, nueve campanas grandes.
Item, cinco cálices de plata con sus patenas.	Item, cinco altares dorados, con su imágen.
Item, cinco pares de vinajeras, con sus platillos.	Item, en el altar mayor un relicario, que se dice tiene reliquias de San Lorenzo mártir.
Item, un vaso de pacificar las dedos, con su platillo.	Otras alhajas de iglesia.
Item, dos campanillas de plata.	Item, dos báculos ó candeleros de bronce.
Item, tres cucharitas de vinajeras; una sola.	Item, un incensario con su naveta de latón.
Item, un hostiario.	Item, veinte y dos campanillas.
Item, dos incensarios con sus navetas y cucharas.	Item, seis candeleros pequeños de latón.
Item, una cruz grande de plata, con sus campanitas de ella pendientes.	Item, dos faroles de vidrio para las víctimas.
Item, seis candeleros pequeños.	Cruces de bronce.
Item, cuatro hilanderas grandes, y dos libras de stafalonía para otras dos.	Primamente, cuatro casillas de bronce, con tres capas, cuatro frontales, estolas, manipales, etc., correspondientes.
Item, un sople con su bisopo.	Item, dos casillas de bronce, con sus frontales, estolas, manipales, etc., correspondientes, y una capa.
Item, un vaso para las comuniones.	Item, cuatro casillas de cobre, con dos frontales, estolas, manipales, etc., correspondientes.
Item, una lámpara grande colgada en el arco toral.	Item, una casilla de falga con su capa, estola, manipal, etc., correspondiente.
Item, cuatro mallas pequeñas.	Item, cinco casillas de fusano,
Item, una sacra.	
Item, un Lavabo.	
Item, un evangelio ilirio de San Juan.	
Item, un jarro para los bautismos.	
Item, tres cristaseras.	
Item, una cajeta para llevar el viático á las enfermas.	

A Invasão espanhola¹

¹ Ana Luiza Jaskulski

Desde a anulação do Tratado de Madrid, em 1761, a política entre a Espanha e Portugal estava muito delicada. Portugal se alia à Inglaterra na Guerra dos Sete Anos, na Europa, e não participa do Pacto de Família, ficando, assim, novamente contra a Espanha. Sabendo dos atritos políticos entre as duas coroas, D. Pedro Cevallos, governador de Buenos Aires, prepara-se para invadir as possessões portuguesas aqui no sul. Gomes Freire, sabendo dos planos de Cevallos, fortifica e abastece o Forte Jesus Maria e José e mobiliza a população de Rio Pardo para a defesa do povoado. Essa defesa faria jus ao apelido que recebeu esse forte: Tranqueira de Rio Pardo.

A Espanha, enfim, declara guerra a Portugal, e, em 29 de outubro de 1762, D. Pedro Cevallos invade a Colônia do Sacramento. Para assegurar a defesa das possessões portuguesas, Gomes Freire manda construir, em fins de 1762, o Forte Santa Tereza, situado ao sul do Forte de São Miguel. O governador de Buenos Aires segue a sua marcha conquistadora, tomando os Fortes Santa Tereza e São Miguel, em 1763. Esses fortes foram facilmente conquistados por Cevallos, devido às ordens contraditórias entre os oficiais portugueses. A maioria dos soldados entregou-se com seu comandante, mas muitos fugiram em direção a Rio Grande.

No dia 24 de abril de 1763, o comandante espanhol D. José Molina ocupa Rio Grande. Os portugueses tentaram defender a outra margem do canal, impedindo a investida espanhola até Rio Pardo e até a Ilha de Santa Catarina. Contudo, diante do ataque fulminante de Cevallos, os poucos soldados portugueses não resistiram. Os espanhóis postaram guardas em São José do Norte e impediram a passagem de embarcações portuguesas pelo canal. Os portugueses tinham dificuldades de abastecer e articular seus soldados, pois não podiam navegar na Lagoa dos Patos e no canal de Rio Grande. O comércio entre os povoados também estava comprometido. A sede do governo foi transferida para a Capela do Viamão, onde já havia um registro. Os portugueses adotam a prática de guerrilhas na Campanha e no nordeste do estado, privando os espanhóis de gado e cavalhadas.

Com a assinatura do Tratado de Paris, a Espanha deveria entregar a Portugal a Colônia do Sacramento e Rio Grande. Cevallos entregou a Colônia do Sacramento, mas negou-se a entregar Rio Grande. Paralelamente, em julho de 1767, os jesuítas são expulsos dos Sete Povos. A direção das aldeias missioneiras foi confiada aos Franciscanos, e administradores passaram a cuidar dos negócios das Missões. A expulsão dos jesuítas da região trouxe tranquilidade aos portugueses, pois os índios não aceitaram os novos chefes e voltaram à vida selvagem.

O coronel José Marcelino de Figueiredo é nomeado governador de Rio Grande de São Pedro em nove de março de 1769. Recebe ordens de fundar novas povoações para impedir novas invasões espanholas. Assim, José Marcelino transfere a sede do governo para Porto dos Casais e cria as freguesias de Taquari e Santo Amaro.

Em 1772, os missioneiros constroem o Forte de Santa Tecla para dali as tropas espanholas partirem e atacar Rio Pardo e Campos do Viamão, forte que se localizava perto de Baga. O exército espanhol avança em direção a Rio Pardo, mas é surpreendido pelas tropas de Rafael Pinto Bandeira, que não conseguem detê-los. Os espanhóis, então, chegam até Rio Pardo, porém recuam e retornam para Rio Grande, sendo fustigados pelas guerrilhas portuguesas.

Em fevereiro de 1776, as tropas luso-brasileiras cercam o Forte de Santa Tecla, e, em 24 de março, os espanhóis entregam o forte, que é arrasado pelos luso-brasileiros. Estes, depois, ocupam as estâncias missioneiras, roubam o gado e dividem em sesmarias as terras entre o rio Jacuí e Camaquã. Finalmente, em 2 de abril de

1776, os portugueses retomam a vila de Rio Grande, após o cerco por terra e mar.

Os espanhóis não queriam aceitar a derrota em Rio Grande e prepararam nova ofensiva por mar. Como foram impedidos de chegar a Rio Grande, devido aos fortes ventos, resolvem atacar a Colônia do Sacramento e, em 3 de abril de 1777, começam a desmantelar a fortaleza que motivou tantas lutas.

A paz retorna às duas coroas com a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, em 12 de outubro de 1777, o qual estabelecia que a Colônia do Sacramento seria entregue aos espanhóis e seriam criados os campos neutrais ao longo da linha divisória.

A Campanha da Primeira Conquista Portuguesa

¹Ana Luiza Jaskulski

Em 1801, na conquista das Missões, estava como Cura em São Lourenço o Frei Bernardino Montanhez.

Após a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, o Rio Grande de São Pedro viveu alguns anos de paz, e a capitania prosperou. Novos casais açorianos aqui chegaram, intensificando a agricultura nas datas repartidas e doadas. A indústria do charque e da tourama progredia, e a pecuária crescia com a instalação de inúmeras estâncias nas sesmarias doadas. A paz trouxe a diminuição dos militares, que trocaram as fileiras por sesmarias, tornando-se proprietários de estâncias. Os povoados e as estâncias prosperavam, contrastando com a pobreza e a desorganização dos Sete Povos. Desde a expulsão dos Jesuítas, os Sete Povos, entregues a administradores leigos, perderam todo o seu apogeu e organização social: casas em ruínas e lavouras abandonadas, os índios voltando a viver conforme seus antigos costumes, aventureiros de ambas as Coroas roubando o gado das estâncias missioneiras. Os portugueses sabiam da situação em que se encontravam os Sete Povos: além de abandono social e econômico, estavam praticamente desguarnecidos de força militar, e os poucos índios que lá moravam odiavam os administradores espanhóis. Logo as Missões tornaram-se uma presa fácil e tentadora para os portugueses.

Na Europa, a Espanha declara guerra a Portugal em 2 de março de 1801 (Esta declaração foi feita pela imposição de Napoleão). Esse acontecimento repercutiu em Rio Grande de São Pedro: o governador Veiga Cabral reúne os poucos recursos e soldados de que dispõe (convocou os soldados, anistiou desertores e chamou licenciados), fortalece a Vila de Rio Grande e a tonteira de Rio Pardo. Prevendo perigo ante uma nova guerra contra os espanhóis e constatando a miséria do exército português, o povo supriu espontaneamente a organização militar. Essa união levou o exército português à vitória. Os espanhóis também estavam com seu exército enfraquecido. Diante do ataque das forças portuguesas, recuaram para suas fortificações, porém não resistiram muito tempo. Os espanhóis entregaram aos portugueses o Forte de Cerro Largo e outros pontos de fronteira, como o Forte Santa Tecla, a vila São Gabriel do Batovi e uma vasta região das Missões.

José Borges do Canto era um dos soldados anistiados. Conhecedor dos campos do oeste do Rio Grande de São Pedro, fazia o tráfico de muares e gado vacum daquela região. Ao apresentar-se em Rio Pardo, recebeu a missão de atacar os Sete Povos. Se desse certo, seria promovido a capitão, mas se fracassasse seria abandonado como desertor, não comprometendo, assim, o governo da capitania. Com armas e munições e a liberdade de engajar nessa missão homens que quisessem colaborar, Borges do Canto partiu com 14 desertores. Durante a jornada, incorporaram-se 26 combatentes e mais 300 índios missioneiros descontentes. Depois de atacar alguns redutos fortificados, Borges do Canto dirige-se para São Miguel, então já com um exército de 1000 índios. No dia 8 de agosto de 1801, sitiou São Miguel: 3 dias depois, o governador espanhol entrega essa missão. Com o auxílio dos caciques guaranis, as outras missões foram também entregues pelos espanhóis, havendo resistência apenas em São Borja, a qual foi vencida em 23 de novembro. A região missioneira foi povoada por tropeiros paulistas e curitibanos que receberam sesmarias. A posse das Missões pelos portugueses sofreu ainda muitos ataques de espanhóis descontentes com a perda desse território. Quando a notícia de paz entre as duas Coroas aqui chegou, os luso-brasileiros ampliaram a capitania de Rio Grande de São Pedro, somando-se ao território português as Missões, até o rio Ibicuí e toda a área sul, do rio Camaquã até o rio Jaguarão.

Estavam, assim, de posse de todo o território missioneiro, isto é, dos Sete Povos, quando veio a notícia do Tratado de Paz de Badajoz, mandando que tudo ficasse como estava no momento. Por esta forma foi que a região missioneira do Rio Grande do Sul entregue ao Brasil pelo Tratado de Madrid (1750) e retirado pelo de Santo Ildefonso (1777), ficou definitivamente incorporado ao território da Província de São Pedro .

As Campanhas de Artigas nas Missões¹

¹ Wikipedia

Em 1816, as Missões Orientais (7 povos) foram invadidas pela primeira vez por Andrezito Artigas por Santana do Livramento e São Borja. Francisco das Chagas Santos comandou a resistência em São Borja, atacada em 20 de setembro. Apoiado por José de Abreu, venceu a Batalha de São Borja, derrotando André Artigas definitivamente em 3 de outubro

As tropas de Andrezito Artigas invadiram as Missões Orientais (7 povos) pela segunda vez pelo passo Santo Isidoro, em 25 de abril de 1819, se apoderando de São Luís Gonzaga e São Nicolau. Para combatê-lo, foi destacado um Regimento de Cavalaria de Milícias, comandado pelo coronel Diogo de Moraes Arouche Lara, que foi vencido e morto em ação.

O conde da Figueira enviou novas tropas, mas encontrou São Nicolau abandonada. O coronel José de Abreu foi deixado na cobertura do Rio Arapeí, deslocou forças de Bagé para Las Cañas e guarneceu Jaguarão, em 6 de junho esmagou os invasores. André Artigas foi preso perto do passo de San Izidro e levado para o Rio de Janeiro, onde viria a falecer na Fortaleza de Santa Cruz da Barra.

Em 1819, as forças do Governador Conde de Figueira, que combateram André Artigas quando da invasão do território missioneiro, estiveram em São Lourenço. Essas forças tinham, como Capelão Militar, o Bispo Dom Feliciano Prates que, em companhia de mais dois Padres, foram recebidos e alojados em das selas do antigo Colégio Jesuíta onde residia o Cura espanhol.

Por ocasião da capitulação de São Lourenço, quando da conquista das missões quem arrebatou o Estandarte dessa Doutrina foi o Tenente Gabriel Ribeiro de Almeida.

A igreja de São Lourenço foi incendiada em 1819. As casas foram demolidas e o material transportado para a campanha a fim de ser utilizada em novas construções.

Ainda no século XVIII, os habitantes de São Lourenço levantaram uma pequena Capela em homenagem ao Padroeiro, aproveitando o material que sobrou do incêndio, inclusive usando uma das portas laterais para ser a de entrada. Na igreja jesuíta de São Lourenço, havia nove sinos. A imagem de São Lourenço, media mais de dois metros de altura.

Em janeiro de 1820, José Artigas, pai adotivo de Andrezito, de seu acampamento em Tacuarembó, invadiu novamente o Rio Grande do Sul, obrigando o coronel José de Abreu a recuar para o passo do Rosário. O conde da Figueira, então, deslocou-se de Porto Alegre com novas tropas, atacando Artigas nas nascentes do Rio Tacuarembó, em 20 de janeiro de 1820, e derrotando o último exército artiguenho, comandado pelo coronel Latorre. Artigas foi abandonado pelos caudilhos de Corrientes e em 23 de setembro de 1820 exilou-se no Paraguai, de onde não mais voltou.

Com essas vitórias e a tomada de Montevideo, Portugal, depois de 40 anos, colocava os limites do Brasil no Rio da Prata.



Mapa do Protetorado de Artigas – pretensão de criar um novo País onde as Missões estavam incluídas

Como toda história tem dois lados é importante analisar também a versão que apoia Andresito, como era chamado, nasceu em São Borja, por volta de 1783; para

outros, em Santo Tomé, Argentina, país onde é tido como herói. Conforme alguns dados bibliográficos dos hermanos que afirmam: “gracias a Andresito somos argentinos.”

Pois Andresito, órfão de pai, foi criado com o chefe político uruguaio José Artigas, no auge do federalismo que se estendia pela Banda Oriental (Uruguai), Misiones, Entre Rios, Corrientes, Santa Fé e Córdoba, povos esses que formavam a Liga dos Povos Livres, que posicionava contra o poder central de Buenos Aires.

Andresito Guacurari Artigas tornou-se Capitão de Blandengues, chegou a ser governador de Misiones e Corrientes, na Argentina, assumindo o Comando Geral de Misiones, aonde chegou a governar os 15 povos das Missões entre os rios Uruguai e Paraná. Algumas campanhas são destacadas na carreira do peleador Andrés: a campanha do rio Uruguai contra a invasão luso-brasileira.

Quando suas forças cruzam o Uruguai e atacam o furriel Atanásio José Lopes, no acampamento da barra do Cambai, em **Itaqui**, em **1816**; a campanha de Corrientes em defesa do federalismo (1818-1819), e a segunda campanha do rio Uruguai contra novamente os luso-brasileiros, em 1819, que culminou na sua captura e posterior envio para a prisão da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro. Nessa cidade, possivelmente teria falecido. Sua história chega até esse ponto.

Destacou-se por defender seu povo e provocar a liberdade de todos os cativos guaranis nas mãos dos colonizadores.

Andresito é seduzido pelos ideais federalistas e o sonho de José Gervacio Artigas em criar um protetorado na América Meridional, a “Liga de los Pueblos Libres”, que uniriam em uma só Nação as Missões paraguaias, argentinas e luso-brasileiras, toda a Banda Oriental, além das Províncias argentinas de Santa Fé, Corrientes e Entre Rios.

A contra-ofensiva portuguesa

Wikipedia

As tropas portuguesas na região dos Sete Povos era comandada por Francisco Chagas Santos que foi indicado comandante dos povos da missões e alocado em [São Luiz Gonzaga](#), onde era o quartel general, depois transferiu este para [São Borja](#), sendo em 1813 promovido a [brigadeiro](#). Em 1816 defendeu a cidade dos ataques de [José Artigas](#), sendo liberado em 3 de outubro pelas forças de [José de Abreu](#). Em 1818 foi promovido a [marechal de campo](#) e recebeu a comenda da [Imperial Ordem de Avis](#).

Em 1821 foi transferido para o comando da vila de [Rio Grande](#) sendo em 1823 [comandante das Armas](#) da província de São Paulo.

Em uma das ações de retaliação às ações de Andresito Artigas, o resultado foi que as tropas imperiais brasileiras ultrapassaram o Rio Uruguai, em janeiro de 1817, e sob o comando de Francisco das Chagas Santos invadem as Missões argentinas, saqueando, destruindo e matando as populações das cidades de La Cruz, Yapeyú, Santo Tomé, Santa María, Mártires, San José, San Ignacio Miní, Apóstoles e San Carlos.

A Estratégia era reduzir as condições de formação de uma nova força de contra-ataque ao território português pela destruição do território inimigo.

Frutuoso Rivera invade o território das Missões

Nelson Werneck Sodré

Don Frutuoso Rivera-, desertor do Exército Imperial, rompido com Lavalleja, declarado traidor pelo governo platino, que lhe cassara a patente de Brigadeiro e o condenara à morte- conseguira a duras penas fugir de Buenos Aires e buscar refúgio na província de Santa Fé, colocando-se sob a proteção do governador Don Estanislau Lopez. Isto em fins de 1826.

Instalada a anarquia política que se seguiu à queda do presidente Rivadavia, Don Frutuoso, ofereceu seus serviços ao presidente provisório e apresentou um plano de entrar pelas Missões e atacar os imperiais pela retaguarda, ocupando Rio Pardo e Porto Alegre

O presidente provisório, esquivou-se de decidir. Seu sucessor, governador de Buenos Aires, Manoel Dorriego, que concordava com qualquer coisa que servisse para acelerar o término do conflito com o Brasil, aceitou discutir o assunto.

Rivera assinou em 27 de Out de 1827, em nome das províncias de Entre Rios e Santa Fé um tratado com Buenos Aires, com o objetivo de levantar forças militares para ocupar os povos das Missões Orientais. Deixou Santa Fé e instalou-se nas margens do Uruguai. Em Março de 1828, Rivera, já na Banda Oriental recrutava forças. Em 21 Abril de 1828, a frente de 140 homens iniciou a invasão do Rio Grande, em muito pouco tempo esse efetivo já ultrapassava um milhar incondicionalmente apoiado pela população civil. Com a destruição das reduções jesuíticas, e instalação de uma administração laica, os missioneiros tentaram retornar à vida selvagem. Os padres haviam

inoculado o germe civilizatório e eles não se adaptaram. Tinham instintiva idolatria pelos caudilhos. Não havia grandes diferenças entre o que aconteceu nas Missões em 1801, com Borges do Canto; em 1815 com Artigas; e em 1828 com Rivera.

INVASÃO- TRAVESSIA DO IBICUÍ

A 21 de Abril de 1828 uma tropa com 80 homens ao comando do capitão Felipe Caballero, chegou ao passo do Ibicuí e caiu de surpresa sobre a guarda, matando o comandante e 19 praças e aprisionando 23 inimigos. O tenente morto chamava-se Mariano Pinto de Oliveira. O passo do rio Ibicuí passou a ser chamado de MARIANO PINTO. A tropa de Rivera dividiu-se em três frações. A 1ª Divisão sob o comando de Caballero foi lançada na direção de São Francisco de Assis; a 2ª Divisão comandada por seu irmão, major Barnabé, foi dirigida para São Borja (capital das Missões), e a 3ª Divisão, sob seu comando, marchou para a serra de São Martinho. Rivera se adonou rapidamente de toda a área missioneira, sempre vulnerável e sempre descuidada. O 25º Regimento de Cavalaria havia se deslocado para Jaguarão. O 24º Regimento de Cavalaria, formado inteiramente por índios, desertou inteiro com a aproximação dos orientais, deixando sozinho seu comandante Tenente Coronel José Fontoura Palmeiro. As tropas milicianas que não engrossaram as forças de Rivera, debandaram em impressionante desordem. O Comandante das Missões, coronel Joaquim Antonio de Alencastre, ficou abandonado com apenas um sargento e seis soldados. Doente, foi obrigado a fugir para Cruz Alta, sempre perseguido por Rivera. Nesta perseguição a bagagem e os arquivos do comando foram aprisionados na região de Santiago (Eram duas carretas). No final de Abril o alferes José Silveira com toda sua guarda de 24 homens, o Tenente Pavão com 35 soldados e o capitão Boaventura Soares da Silva com seu esquadrão de 122 homens, entregaram-se aos orientais. Uma espécie de loucura se apoderou dos oficiais de prestígio e que comandavam guardas e destacamentos, fizeram causa comum ao invasor. Até a guarnição de fluvial de São Borja, comandada pelo tenente Justo Yegros- 75 marujos teve que levantar ferros e escapar, pois a indiada tentou saquear suas naves e canoas.

Enquanto ocorria a invasão, os representantes platinos e brasileiros se reuniam no Rio de Janeiro, sob a orientação do

embaixador Britânico para acertar o acordo de paz que motivara no ano anterior a Batalha do Passo do Rosário entre o Visconde de Barbacena e o General Alvear (Argentino).

Finalmente em 27 de Agosto de 1828 foi assinada a Convenção preliminar de Paz, ratificada pelo Brasil em 30 de Agosto, e pela Argentina a 29 de Setembro do mesmo ano.

A notícia da Convenção Preliminar de Paz, chegou a Don Frutuoso Rivera, senhor das Missões, em 17 de Setembro de 1828, que ficou furioso com o fracasso de sua invasão. Além de todo o gado disponível e de cavaleiros, Rivera também levou milhares de índios missioneiros. Também com toda a calma saqueou todas as vilas, levando oitenta carretas com o que existia de valor nas sete igrejas e nos depósitos de gêneros. Para os Argentinos e Orientais se tornou um herói, tanto que a cidade uruguaia junto a Livramento tomou o nome de Rivera. No dia 30 de Dezembro de 1828, uma resolução oficial do governo uruguaio o definiu como “digno e altamente benemérito general, e restituiu sem mancha sua reputação e honras”

Após a retirada de Rivera, a administração Imperial, retornou ao território, encabeçada pelo coronel Olivério Ortiz, nomeado comandante da Fronteira .

Ações militares de conquista nas Missões		
Ano	Protagonista/comandante	Domínio
1756	Guerra guaranítica (sem a entrega do território)	Espanhol
1801	Borges do Canto	Português
1815	Andresito Artigas	Liga das Nações
1817	Chagas Santos	português
1828	Frutuoso Riveira	Republica Unidas do Prata
1829	Tropas portuguesas	português